

A TEO-ONTOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE DRUÍDICA

Joaquim Pinto

Além foi - a Ninive da Piedade,
A cidade do Lucto Singular
E a Sepultura da Semi-Rami.
- E Hoje...está por Ali, Vaga, a Saudade...
- E anda no Ceu Supremo a Eterna Istar
- E... Passa, às vezes, a Serpente... - Ali...¹

Aproximações

Poderemos, nós caminhantes e aprendizes, entender a Espiritualidade como presença invisível, subtil e até, por vezes, disfarçada, mas também assumir que é nela que se entrecem os fios resultantes do nosso acontecer humano? A Espiritualidade está mais próxima do fazer do homem do que ele poderá algum dia conceber: seja na sua experiência pessoal, seja na doação e fruição de afetos, seja naquele simples olhar, por vezes vago, por vezes perdido, que procura algo nesta imensidão infinita. Começo por referir que a consciência da Espiritualidade começa sempre e é sempre uma auto-consciência e o seu reconhecimento é o auto-conhecimento de uma parte que é manifestação diferenciada da vontade e que se integra no Todo.

A prática da Espiritualidade deverá ser o ato solene de desvelar tesouros ocultos do humano, na sua relação com o transcendente, mas que implica, do mesmo modo, uma capacidade de auto-transcendência corajosa e audaz. Ao revelar esse íntimo sentir, estaremos abertos à confissão que só o Amor promove, contando-nos os seus segredos.

Antes de existir consciência da Espiritualidade, ela já existia, ainda que não capturada em sentido, é certo, mas como a força misteriosa e poderosa que entendemos, hoje e no passado, como sentido único para a nossa vida.

A experiência Espiritual humana sustenta-se num passado mas que, através de nós, caminhantes e aprendizes, poderá ter um futuro amplo, assim nos deixemos nutrir de possibilidades de conquista dos nossos horizontes utópicos, que os olhos ainda não viram, mas que lá se encontram à espera de serem vislumbrados. Podemos, no entanto, ainda como discípulos do que é mestre, e pequenos perante grandeza maior, contemplar ao longe,

¹ Ângelo de Lima "Ninive", in *Orpheu 2, Orpheu, Edição Facsimilada*, Contexto, Lisboa, 1989, p. 91.

de forma próxima, com abertura e autenticidade, as realidades almeçadas, a nós prometidas, pelo vínculo perpétuo do amor maior. Espera-nos um sentir materno, de luz, e fértil em dádivas, até porque há esperança, sempre esperança, nessa luz que em nós germina. E, onde há esperança, há Espiritualidade. Poderemos, neste momento-oração manifestar o nosso sentimento-agradecimento à Mãe-Luz e, sob este vínculo de gratidão pelo nascer possibilitado, vincular igualmente pertença a uma entidade amorosa, criadora e protetora, que, além da vida que nos dá, dá-nos sentido para existir. Um profundo bem-haja a todos, sempre na lembrança de que, apesar de existirem muitas coisas falsas nesta vida, a Espiritualidade não é falsa, pois é a única que responde sempre de forma verdadeira às condições criadas e circunstâncias geridas por cada um de nós, como parte integrante da existência.

Momento-Um

Da Fonte Primeva ou da Luz Incriada, refletida e inscrita no tecido da criação, emergiu uma prática esclarecida de Espiritualidade que ecoa por toda a eternidade, designada como Tradição Primordial. Uma elevada compreensão desta reflexão originária requer que o nosso labor mental atinja a serenidade, simplicidade, rigor, autocontrole e pureza de pensamento. Não se tratando uma profissão de fé, o caminhar na Tradição deve ser esclarecido e convicto, e não devemos pretender, por via deste trânsito, o alcance de qualquer objetivo que não o de satisfazer a Suprema Soberania da Vida Espiritual. Por via de uma ação Livre, Verdadeira e Amorosa, poderemos caminhar de forma virtuosa na Tradição Primordial.

Esta reflexão originária sobre a Luz Incriada do Espírito Universal, aparentemente singular e ao mesmo tempo complexa, incita-nos a perscrutar outras vozes que se manifestam, e sempre se manifestaram, como um cintilar por ela espargido, ou rarefações interferentes na mesma, às quais outorgamos o devido reconhecimento de Linhagens Tradicionais unidas sob a égide da Aliança Internacional, a quem este compêndio procura auxiliar e servir de orientação para a sua ação gregária.

Se, por um lado, nos focarmos apenas numa busca da verdade pela luz natural da razão, que também sustenta práticas afetas à instauração e instituição de unidades gregárias e os seus modos de dizer e fazer de si, com as suas idiossincrasias, alcançamos aquilo que é comumente denominado de Ordens Tradicionais; por outro, temos a natural e irrestrita, que se pretende incessante, necessidade da observância, pela *razão alquímica da Luz*

Incriada do Espírito Universal, quer como *momentum* cura, ou terapêutico, do humano, quer como participantes ativos na inteligência cósmica universal. Esta consideração fundamental, por certo até um pouco mítica, assumamos, no que se refere aos relatos de origem acima descritos, não informa o propósito do alcance dessa Luz Incriada, isto é, a inteligibilidade dessa Luz, algo que se encontra vedado à razão humana, mas, outrossim, o acompanhamento da latência do Incriado como outra Luz, Nwyre, que nos orienta desde a primeira noite dos tempos. É aqui que residem os fundamentos, ou princípios, da Tradição Primordial, no sentido de que, mesmo que diferentemente, todos somos reflexos imanentes do Incriado nesta constante procura da compreensão da «Metafísica da Luz», que é a verdadeira prática da Tradição Primordial.

Se, para os antigos Sacerdotes da Tradição, aquela presença da Luz Incriada como que decantava ou emergia das trevas como outra Treva distinta e Luminosa, «presença-primeva-centelha-fonte», de que nos informa o tempo de Samónios, hoje a responsabilidade é maior, para os Sacerdotes atuais, pois é necessária, por via da libertação, a busca do puro sentimento, a conexão à unidade ideal da Consciência Cósmica e à presença do Uno Transcendente: O Incriado. É óbvio o desnível existente nesta relação enigmática entre estes polos dinâmicos, a criatura e o Incriado, nesta doce e incessante procura pelas dimensões mais profundas dos segredos da “Alquimia do Espírito”, que o percorrer próprio da Tradição nos possibilita. Como tal e por tal, necessitamos de sair gregariamente desta “escuridão” gradual que habita atualmente nesta “caverna humana”, e sermos o «dentro-fora» do que não tem dentro, isto é, sermos o olhar madrugador e a presença lúcida e amorosa da criatura num mundo que habita no seio do Incriado que faz mundo.

Tudo isto concorre para afirmar que tal ‘olhar madrugador’ deve, numa fase inicial, intuir que as suas leis são emanadas e devem ser reflexos dos princípios primordiais da Tradição, reflexos, esses, que operam em dimensões distintas, é certo, mas que são manifestações da singularidade que não tem “excesso nem carência”, a Singularidade Primeva. Estes mistérios da «Lucidez Espiritual», ou da «Razão Alquímica», desvelam-se quando atingimos a intuição profunda do caminho da Espiritualidade: o retorno das estações, a lei da causa/efeito, o Bem, o Verdadeiro, o Belo e os seus contrários. Neste sentido, a «Razão Alquímica» é um caminho para atingir a «Lucidez Espiritual», por via da observância da Tradição Primordial fundada nos princípios do Bem, do Verdadeiro e do Belo.

Mundo de Nwyre

Caminhar na Tradição configura, de forma particular e exemplar, uma demanda de si mesmo a partir de uma situação-limite de assunção de carência radical, na qual a figura simbólica de «O Caminho» se apresenta como via aberta para a sua superação. Por via da Palavra- Portadora de Ser, descritiva emocional e encantatória, na multiplicidade dos seus recursos discursivos e retóricos, diz o Filósofo Sacerdote do sagrado da Tradição. Este «dizer» reveste-se de um carácter único e originário, não apenas na perfeição das suas formas multimodas, na riqueza das referências culturais que encerra, mas também na coragem das suas críticas e propostas.

Para a maior parte dos caminhantes da Tradição, esta situação de superação da carência radical transmuta-se num trânsito contínuo entre as suas dimensões constitutivas: o mundo do espírito e o espírito do mundo, num caminhar que se apresenta direcionado a uma finalidade: a Ascensão ao Mundo da Luz Branca. A aceitação da sua natural carência radical leva os futuros caminhantes à decisão entre a finitude possível de um beco sem saída ou a demanda por uma espiritualidade plena. É por via desta atualização dramática da condição humana, pois, que o trânsito da Tradição, frente às águas do Atlântico, recebe os seus primeiros caminhantes: os Atlantes.

É precisamente através deste pórtico inaugurado pela temática supracita que iniciamos a nossa peregrinação por uma Tradição tão rica e inesgotável de interpretações. Logo aqui assinalamos, tal como no excuro de todo o texto, a presença Divina de Nwyre, que nos acalenta, fecunda e protege, razão pela qual lhe oferendamos esta obra, numa anagógica dedicatória de alegórica ressonância ancestral, mas também de algum modo homóloga, na emanção do seu calor benfazejo, à presença dos primeiros Sábios da Tradição Universal do Amor: *Tradição antiga como o Mar e nova como as ondas*. Se somos «ondas» desse mar, aqui também não é indiferente o lugar que o coração toma sobre si, como órgão empático por excelência. Ele assume-se aqui não só como o recetáculo da bondade de Nwyre que é, a um mesmo tempo, inspiradora desta obra, como, de igual modo, o caminho que melhor guiará e preencherá o coração dos caminhantes pela peregrinação abissal e, por vezes, amarga do oceano deserto do mundo, feito de dunas labirínticas, de desesperos, de lamentações, mas também de convicção, conforto e esperança. Esta metáfora do coração constitui-se assim como o centro, o ponto de partida da jornada que a “nação Atlante” é exortada a trilhar, pois ele é lugar de movimento oscilante, de sístole e diástole, de purificação e de escolha interior, de sentimentos e de sabedoria. Senda pe-

rigosa que só pode iniciar-se pela decisão interior (metanóia) de demanda pela liberdade e de busca pelo Mundo da Luz Branca - senda cujos ásperos grãos de areia consigo carregam os caminhantes, ainda, e onde quer que se encontrem.

Assim, e em jeito de dedicatória, esta obra é, então, ofertada a Nwyre, como Coração deste Corpo-Tradição a que este trabalho almeja alcançar. E esta obra reconstitui, a partir desse *vaso vital*, desse recetáculo aparentemente esvaziado, reconstrói e restitui a identidade ao Povo Atlante, que se havia perdido, fundido e dispersado pelos imensos desertos do mundo.

A presença de elementos estruturais nesta trabalho poderá talvez atestar-se de forma acaso evidente pela reiteração das relações basilares onde se aprofundam e avançam explicações para as motricidades mais complexas da Filosofia Primordial, noções fundamentais para a compreensão das dimensões litúrgica, cerimonial e terapêutica que abundam por toda a obra da Tradição.

A escolha do método oral, pelos Filósofos da Tradição, radica no facto de este funcionar como meio promotor de identidade espiritual entre caminhantes, servindo a oralidade como um centro pedagógico irradiante, unificador e unitário da Tradição. Esta opção, que é também um *topos* de pertença cultural e um ponto motriz de partida, funciona como um “seio materno” por via do qual os caminhantes se nutrem de sentido e que lhes proporcionará não só uma anamnese refundadora da consciência espiritual, mas um reposicionamento na ordem temporal do horizonte da Tradição, retomando a peregrinação em direção a um lugar que não é uma mera utopia, mas outrossim um *topos* bem definido, o Mundo da Luz Branca, tido aqui como referência última na procura de um *Ethos Espiritual* ou de uma busca de *um si mesmo* (raiz primeva), de um *lugar* - uma *habitação* ou *casa do ser* - para o Povo Atlante.

A linha condutora do reconto desta narrativa ancestral, pela qual os Atlantes encontrarão o seu lugar, encontra-se e joga-se numa tensão inicial genésica: a criação por Nwyre possibilitada pelo ato de Amor Puro do Incriado e a recorrência às formas que a relação entre Criadora e Criatura assume.

E de que forma se nomeia aqui o Incriado? Esse Outro radical, transcendente e único que emanou possibilidade de criação em Nwyre, por um ato incondicional de amor, espelhando-se como num espelho de água? - Expressando-O pela interjeição essencial OIW. É neste contexto em que se inscreve, também, a situação dos Atlantes, pois as suas palavras, tribulações, consolações e obras tomam lugar como instrumentos de manifesta-

ção da vontade livre possibilitada por OIW: escutando-O ou ignorando-O; dizendo-O ou calando-O. Os Filósofos-Sacerdotes da Tradição medeiam o modo como a voz de OIW ecoou, ecoa, manifestou e manifesta ao longo da história (vida com sentido do homem pelos tempos), expressão de um distanciamento que, é certo, por uns tempos, revelou surdez ou quebra de aliança, mas nunca de promessa. É responsabilidade dos Atlantes de hoje renovar votos de aliança e manter a promessa da procura de Ascensão de um povo. Já não se trata, pois, aqui de simples teofania, mas de teleologia e de história da Tradição sob forma humana de atribuição de significado a uma voz teogenésica que se escuta como um silêncio primevo, como se se tratasse de um código secreto do qual um dia se perdeu a chave. É por esta razão que a Tradição reclama dos caminhantes, e para si, a condição de humildade.

A natureza é o verdadeiro livro da Tradição, cenário idílico e acolhedor criado por Nwyre onde discursam e convergem os protagonistas animados. Como se rememorar só aqui e assim fosse possível. No refúgio do jardim da natureza, tudo se passa como se nos sentíssemos carentes de regresso a uma fonte original onde, não por acaso, e na esteira de Virgílio, as nossas próprias lágrimas e as águas de um rio próximo assumem um caráter catártico, purificador.

O choro amargo da carência, expressão da alma errante e atribulada, e as lágrimas purificadoras do sentimento situarão os verdadeiros Atlantes no início do trilho que, seguindo-o, os levará à morada onde poderá aportar a alma atormentada: Gwynfyd. Esta tensão interna leva o caminhante a começar o seu processo de transmutação ou regresso ao ser de si mesmo. Assim se inicia a predisposição e o processo da escuta das Palavras da Tradição, ofício explanatório de amor e esperança num imenso bem e por via de uma suma glória.

A morte, bem como a dor, a tortura, o sofrimento, bem como o erro, são apenas passagens ou veredas ásperas que também se apresentam como uma oportunidade de experiência, aprendizagem e redenção ou resgate. Possibilidade, também, para a afinação da atenção, escuta, intuição ou conhecimento ou vivência plena da (re)visitação divina. A questão fundamental será, então, «não perder a alma», isto é, não se deixar aprisionar num dos pólos da dialética metáxica: morte (por sofrimento, infidelidade ou vazio ou ausência do divino) *versus* vida (por fidelidade ou plenitude ou presença do divino).

Mesmo nos abismos de dor, não perder a esperança. Há um mar amargo e um deserto abrasador de lume e padecimentos cuja travessia se tem de

empreender, durante a qual se terá de reconhecer os limites da dor insuportável e do grito indizível da carência. O essencial será então, neste contexto, nunca deixar de procurar o caminho, o trilho ou o socorro divino de Nwyre, por via da busca de uma Voz que ecoa cá dentro, uma voz que é a Voz do vir a ser, a voz mesma do sujeito mesmo que busca a Voz e o objeto da sua demanda.

Fazer cá a nossa casa lá, sempre edificando e reedificando clareiras, mesmo que ciclicamente destruídas, corresponde, deste modo, à homologação final entre a nossa morada Terrestre e a do Mundo da Luz Branca, objetivos últimos de uma peregrinação material e espiritual interiores e exteriores da nação Atlante. Para tal, é sempre necessário ter presente a consciência do erro e a evocação saudosa dos ancestrais passados. Simultaneamente se desvalorizam os bens terrestres, como uma vã glória que em tudo se assemelha a um desfilar de sonhos numa realidade que tem nada mais que uma mera consistência onírica. A Razão Divina prevalece, mesmo perante supostas desgraças. As perdas sucessivas podem-se metamorfosear pela consciência dos nossos erros e não serem entendidas como fatalismos, mas como a afirmação de uma liberdade de escolha. A presentificação e confissão dos erros, racional e finalmente revividas e entendidas, poderão torná-los, por fim, aceites. Este passo será o primeiro de uma interiorização plena do providencialismo histórico da Tradição, por via da revelação, com toda a inteligibilidade, do sentido providencial e único do povo Atlante - purificado pela dor e pelas lágrimas -, personificado pela virtude e preenchido pelas orações, súplicas, preces e cânticos de louvor ao Divino. Todos os acontecimentos passados se presentificam no Aedo ou Bardo: ele interioriza a história da Tradição e, mais do que a fazer sua, torna-se nela, dizendo-a, cantando-a. Pode, assim, rememorar-la e dar dela o seu testemunho presencial, vivo.

O método da «Alquimia da Alma», usado pela Filosofia da Tradição Primordial, constitui-se em três níveis: dirige-se à memória para o seu entendimento, à inteligência para a sua compreensão e à imaginação para a sua vivência. Memória ou anamnese, inteligência ou racionalidade e intuição, imaginação ou emoção são *faculdades*, chamemos-lhes assim, que se devem entrecruzar no decurso de todos os diálogos dos Filósofos da Tradição, entrelaçando-se, intensificando-se, até se materializar em obra. Deste modo, vive-se e revive-se a História da Tradição e nela essa mesma história se transcende e transmuta na fruição de um eterno momento da ordem do inefável. Manifestações e vivências sensíveis, expressões, pois, de uma

sensibilidade e de uma sensualidade de metamorfose, dada essencialmente pelo sentido de uma visão

«Alquímica da Alma», dita na primeira pessoa do singular, numa fruição onde o material e espiritual se voltam finalmente em unidade, tal é o sentido de uma ressuscitação coletiva dos antigos Atlantes e ulteriores Egípcios por via dos descendentes atuais que hoje se vestem do seu paramento.

«Vestir do seu paramento», metáfora que alude às vestes e ao *ethos*, requer, antes de mais, um despojar, despir ou mesmo um arrancar da veste suja e expor a nudez humilde, expiando a tormenta que um dia se recompensará pelas *vestes* verdadeiras concedidas: em suma glória jurada em amor.

Numa intensa e virgiliana metáfora vegetal, a nação Atlante florescerá como um *lírio*, as suas raízes serão transmutadas, isto é, as suas origens, os seus fundamentos serão replantados, o seu passado, presente e futuro mesclados num mesmo momento e já não renascidos, mas apenas e sempre nascidos.

Da Singularidade

A Tradição Primordial, no que respeita ao seu discorrer, sustenta-se na Palavra portadora de Ser como legitimadora de transmissão do sentido etiológico de uma Singularidade Primeva, crendo, assim, na existência de uma Entidade Incriada, espargida por emanção de Si mesma, naquilo a que na Tradição designa por Espírito ou Fluxo Energético Universal, o que valida uma outra sua designação: Tradição Espiritual Universal. Embora quanto ao processo que origina a onnipotência e a omnisciência da Singularidade Incriada existam algumas divergências, de acordo com as diferentes correntes interpretativas das narrativas míticas e teológicas que constituem o acervo da Tradição Primordial, há uma noção que é comum: O Incriado em nada se assemelha à criação e nenhuma imagem Dele poderá ser feita. Nem como Espírito Universal poderá ser concebido, visto que qualquer alusão feita na Tradição ao Espírito Cósmico se refere apenas à manifestação mediada e sentível da Sua Energia, e não à sua Essência Singular. Dele sabemos pela evidência de Nwyre. O Poder e Sabedoria Divinos encontram a sua expressão máxima na Obra da Criação, em que tudo quanto existe sente a presença mediada do Incriado sem se identificar com Ele.

A Criação é então entendida como Nwyre, Espírito Mundado por Libertação da Possibilidade do Nada vir a Ser. Assim, O Incriado não exerce Poder, outrossim, oferta Criação por via da Libertação da Possibilidade. É Amor Incriado o Ato Puro e Incondicional de Libertação da Possibilida-

de do Nada vir a Ser. Essa Possibilidade, por via da emanção, isto é, por constar em dimensão outra, ganha vontade e Munda-se como *passibilidade*: possibilidade passível de Ser. Nwyre é o Mundo passível da Vontade, criando condições para a sua realização. O Incriado, deste modo, oferta em Ato Puro de Amor a Possibilidade de Criação a Nwyre, dela não tomando parte. O Incriado é o Arqui-Possível, o Tudo, Nwyre o Arqui-Passível, o Tudo: Princípio Universal, meio e realização dessa Vontade: a Criação. O Arqui-Passível está para o Arqui-Possível como os seres para o Horizonte, que está sempre lá, mas mantém sempre as distâncias, por isso o Arqui-Passível é o Mundo do Tudo e não o Tudo.

O Reino de OIW (interjeição que afere do Incriado) é transcendente, mas, por via de Nwyre, a Mónada Divina, o mundo onde o humano habita presentifica-se. É o vínculo estaminal estabelecido em aliança pelo humano com Nwyre, em todas as suas formas e faces, que garante a presença mediada de OIW e, por via desta relação, a ascensão das Almas a Gwynfyd, o Mundo da Liberdade Perfeita: libertação da determinação Matéria-Forma. Alcançar a ascensão, na Tradição Primordial, significa o atingir do ponto de liberdade de cada Alma em processo de evolução no mundo presentificado, isto é, fazer o caminho em Imram, o que possibilitará a eternalização de cada Alma pelo alcance da sua inscrição no Espírito Universal, Nwyre, a Grande Serpente Cósmica, Princípio Criador, fluido cósmico de dinâmica elementar (vibração e movimento), Luz Seminal Incorpórea que origina a existência. O fito da Tradição Primordial é o compromisso de participação humana na vida Divina. Para além desta ligação a Nwyre, a Passibilidade Universal, a ascensão está também intimamente ligada à nossa relação com as Deidades, que nos facultam meios para a libertação da fatalidade de Ankou.

Emanção Incriada, Criação, Fatalidade, Liberdade, Imanência e Transcendência

A Tradição Primordial, base primeira da revelação dos povos Atlantes, sustenta-se, assim, na profunda noção de um modelo de Emanção de Possibilidade, de Mundação e geração de Tudo quanto no mundo habita, sendo o Incriado incognoscível, perfeito e transcendente², pelo que a

² O conceito de transcendente remete para o estar além de. Segundo Celestino Pires, «diz-se transcendente o que está para além de toda a experiência possível.» (Celestino Pires, «Transcendente», in *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 5, Verbo, Lisboa/São Paulo, 1992, p. 274. Neste caso *transcendente* remete para uma *transcendência gnosiológica*. Não obstante, esta transcendência é, igualmente e concomitantemente, *ontológica* e *meta-*

Criação do Espírito Universal se deve, por via da pura emanção, ao Amor Puro do Incriado. Este modelo Incriacionista, que possibilita a Criação por via de Nwyre, implica o princípio segundo o qual a Criação é a produção de alguma coisa a partir do nada: a expressão *ex nihilo* significa que algo que não era antes passou a ter possibilidade de ser, isto é, a ser passível, passibilidade, esta, realizada em Fluxo Energético, por Nwyre. O modelo Incriacionista da Tradição Primordial consiste, assim, na afirmação absoluta da ideia de emanção de possibilidade de Criação, subsumida por Nwyre, e passível de realização, mas nunca superada, pois a Fonte Emanadora jamais poderá ser menor que a possibilidade jorrada. É esta não superação que delimita o Princípio Ordenador da Criação e que nos informa de um Panenteísmo genésico-escatológico, isto é, a possibilidade é sempre indissociável da sua Fonte Emanadora, O Incriado.

O mundo e os seres, e o Universo em que constam, são assim possibilitados de circuito de criação (geração-existência- morte) pelo primeiro Ato de Nwyre: a Passibilidade disposta ao livre exercício da Vontade do Nada Vir a Ser, resultando esta passibilização da ativação energética feita por Nwyre aos elementos primordiais. Porém, o ser humano é um ser finito, estando sujeito à fatalidade, e a aceitação da origem do mundo a partir exclusivamente da pureza de uma causa Incriada não é empreendimento fácil. Para justificação desta «Metafísica da Luz Incriada» sob a égide da Emanação Primeva, proposta pela Tradição Primordial, muito contribuíram os antigos Sacerdotes Druidas, sageza a que, infelizmente, só temos acesso através da intertextualidade de autores como, sem critério de ordem: John Toland, Dante, Virgílio, Homero, Hesíodo, Apolónio de Tiana, Heraclito, Empédocles, Anaximandro, Anaxágoras, Pitágoras e etc, para além de mitos e ritos plasmados em diversos contos e folclores tradicionais e para além de alguns documentos variegadamente contaminados por tendenciosismos, alguns, e por manifesta inabilidade exegeta, outros. Pelo que tornou necessária toda uma reconstrução da sistémica filosófica da Tradição Primordial que agora apresentamos.

física. Transcendência que poderíamos caracterizar deste modo: «Transcendência opõe-se a imanência; e assim como esta significa, em geral, que algo está dentro de certo âmbito ou círculo de realidade, assim T. é, ao contrário, o que se situa fora e acima do mesmo círculo. T. envolve o conceito de limite, o que está aquém do limite é imanente, o que o ultrapassa ou transcende, o que está para além, é transcendente. Estaticamente, T. é o que está fora e acima de determinado círculo de realidade; dinamicamente, T. significa o ato pelo qual algo supera, escapa a esse círculo.» (*Idem*, «Transcendência», *in op. cit*, p. 266.) Neste contexto, o Incriado, está além, é externo ao mundo que criou: Incriado que, por via de Nwyre tudo criou, mas que não foi criado por nada, ou por outro que não Si mesmo.

A Emissão Primeva, para a Tradição Primordial, significa o modo como o Incriado, por via do seu Poder, Munda possibilidade por via de uma esquizogênese cissiparitária; e ao resultado deste processo chamamos Nwyre, que é o Arqui-Passível de a possibilidade ser realizada ou existenciável, isto é, suscetível, por criação, de adquirir existência. O Incriado é o garante de que essa possibilidade não se extingue, pois esta está contida em Si, uma vez que é Arqui-Possibilidade, a Fonte Primeva da possibilidade possível. O Incriado, o Todo, Singularidade Primeva, Munda Possibilidade, que se constituiu como Unidade Primeva, Tudo, Nwyre, que é o Espírito Ordenador Universal ou a Consciência Cósmica, possibilidade emanada que possibilita a realização (passibilidade) dessas possibilidades; O Incriado é Fonte das possibilidades e Nwyre, como útero destas, é a Arqui-Possibilidade e que, enquanto Espírito Dinâmico, uterina o Fluxo Energético (Espírito Universal em Ato). O Incriado, enquanto Todo-Fonte-de-Tudo, Munda Nwyre que, por sua vez, munda o Universo, por via da ativação energética elementar que possibilita a ampliação e transmutação da sua própria natureza, de modo sistemático, durável e constante, sendo o Universo o delimitador do passível de existir por via das balizas «Ser e Nada», antes e após as quais consta o Reino de Cegant, o Mundo da Luz Incriada. Nwyre é o meio pelo qual o Nada pode Ser, isto é, a possibilidade transversal que coimplica e estabelece o caminho (Fluxo) que liga o Nada ao Ser e o Ser ao Nada: Nada é a Possibilidade de Ser e Ser a Possibilidade do Nada. Nwyre é o equivalente Passível em ato do Poder Possível (aqui no sentido de potência) do Incriado. É neste sentido que as Almas Nobres, unidades diferenciadas realizadas, isto é, múltiplos manifestos da Unidade Primeva em ato, do Tudo, ascendem ao Mundo da Luz Criada, Gwynfyd, e como fruto resultante de uma realização benfazeja, dimensão em que as balizas «Ser e Nada» se fundem num portal, por via do passível já realizado (ponto de liberdade alcançado), que se abre pela libertação da condição Matéria- Forma, e as Almas Nobres retornarão à sua Raiz Primeva (Awen). Por insemelhança essencial, os Espíritos Benfazejos e Almas Nobres não poderão aceder ao «Mundo da Luz Incriada», pois o mundo, que é mundado, não se pode confundir com aquele que o Munda, impedindo assim que o Ser se dilua no Nada, pois se tal acontecesse, o Todo, O Incriado, a Singularidade Primeva, consumiria as realizações da Unidade Primeva, O Tudo, Nwyre, situação que extinguiria o Passível do Possível. A teoria do Incriacionismo Emanatório da Tradição Primordial encerra, assim, um carácter único, no sentido em que prevê, por meio da satisfação da realização essencial de cada ser, o retorno à sua Raiz Primeva.

Os Filósofos-Sacerdotes Druidas referiam-se ao Incriado como Auto-possibilidade de Si Mesmo, que pela sua percipiência Emanou a Unidade Primeva, Nwyre. Toda a criação é entendida, na Tradição Primordial, como possibilidade libertada. Consideravam, estes Filósofos do Amor, como pressuposto fundamental da «Metafísica da Incriada Luz» a essência criadora resultante do puro pensamento do Incriado sobre Si mesmo. Desta Sua Auto-reflexão, chamemos-lhe, emanou-se o Intelecto Ordenador e este, por sua vez, a Inteligência Ativa Vital Primeva, que permite a geração do Tudo passível que se encontra ordenado e inscrito como e no Tecido da Criação, Fluxo Energético Universal. Deste modo, Nwyre, apresenta-se de forma Trina: Consciência, enquanto Unidade Primeva, Intelecto, enquanto princípio Ordenador, e Inteligência Ativa, que gera e possibilita realização a tudo quanto existe. A Tradição Primordial assume o humano como um composto consubstanciado e indissociável Alma- Corpo unido pela Mente, em que após a morte, ou desconsustanciação, isto é, quando a Mente deixar de conseguir manter a substância composta, a Alma regressará ao Intelecto Ordenador, aspeto Espiritual ou incorpóreo de Nwyre, e o Corpo retornará à Inteligência Ativa, aspeto Natural e corpóreo de Nwyre.

Percebemos, então, que não é o Incriado que Concebe ou que Cria, pois a noção de «Emanação» não convoca necessariamente «Criação», mas possibilitação de possibilidade. A Emanação, na Tradição Primordial, é tida como um eterno processo libertador de possibilidade, mas que implica a ausência de conceção ou geração por parte da Fonte-Emanatória. Tal fato concorre para demonstrar o que acima referimos, que o Incriado é dissemelhante da criação e absolutamente transcendente. A solução, para este problema, reside na afirmação da existência de uma entidade intermediária entre o Incriado e a Criação: Nwyre, Passibilidade da Vontade do Nada vir a Ser. Esta tese de um modelo de Incriação emanacionadora de possibilidade de criação, bem como a existência de um intermediário entre O Incriado e a Criação também foi sustentada, por manifesta influência da Tradição Primordial, pela filosofia Estoica, à altura designada como Razão Universal. Considerando a Vontade do Nada vir a Ser, a Tradição Primordial garante uma criação livre, voluntária e intencional pela Unidade Primeva, afastando qualquer tipo de necessitarismo ou criação accidental. A necessidade não informa a criação, aquela vem depois, aquando do caminho de realização do criado.

O estado permanente de Nadificação permite constância em perfeição ao Incriado pela harmonização e neutralização do devir aos contrários,

suspendendo-os do acto por via da manutenção e prevalência da potência. O Incriado, neste sentido, torna-se Todo por via do Nada, uma vez que instaura uma permanente autossuficiência; Nwyre torna-se Tudo por via da Passibilidade do Ser. Porém, cabe-me agora explicar a razão dessa Criação mediada por Nwyre, que é dos processos mais complexos que a mente humana algum dia poderá alcançar, pois trata-se de um processo quântico de emanação que, por Vontade e Força divinas, possibilita o Nada vir a Ser, isto é, a possibilidade de ganhar forma e matéria: Nwyre em Fluxo Energético Universal.

Não obstante esta inércia harmoniosa dos contrários, que é o garante do permanente estado de perfeição do Incriado, é importante ter em conta de que falamos aqui de um estado constante de um potencial essencial eternamente latente que por Vontade desperta e por Força se pode vir a realizar. Esta Emanação Esquizogénica em momento algum fere o referido estado de perfeição, pois o que é emanado não é necessariamente replicado, sendo que o mundo mundado, suportado por Nwyre, é isso mesmo, outro mundo, o mundo dinâmico que permite o Ser vir a ser a partir da Emanação de possibilidade de Ser, isto é, emanado como Mundo passível de ser e não como Mundo Incriado. O Nada, para ser Nada, não pode ser algo, o que é emanado é a possibilidade do Nada vir a Ser e não o Nada nem o Ser, pois caso assim fosse o Nada impediria o Ser de vir a ser. Neste Sentido, podemos dizer que, no Mundo Incriado, o Nada é e está perfeito como Nada, sendo deste modo o Todo por via da manutenção da Total Possibilidade, isto é, potência latente de Tudo, o que nos resolve o problema de uma suposta razão de grandeza, pois por muito que o Tudo seja tudo, em ato, o Todo, como potência, terá sempre o poder de o subsumir, uma vez que a possibilidade infinita do Todo será sempre maior que passibilidade do realizada do Tudo. O Tudo faz-se por via do Ser passível, o Todo é a possibilidade infinita do Nada: O Ser jamais poderá ser Nada, mas o Nada, emanado como possibilidade, poderá sempre vir a ser Ser. A “passagem” do Nada, por via da Emanação, para o Mundo do Ser, resulta precisamente da libertação da Possibilidade que em dimensão outra ganha vontade de vir a ser em ato o que é em potência: a isto chama-se Passibilidade. O Incriado, ao emanar, emana Possibilidade que Nwyre recebe livre de condição, e que por tal ganha Vontade e torna-se Passibilidade, isto é, torna-se o Passível do Possível: *é Nwyre que possibilita a Criação do Ser passível de ser*. Todos os seres resultaram desta Relação Primeva, isto é, de serem passíveis de serem.

Neste sentido a Criação funda-se numa Arqui-Passibilidade, Nwyre, que resulta da vontade de ser, e por via da qual se geram as duas raízes que possibilitam a geração do Fluxo Universal: a Matéria e a Forma. Sendo que é a partir destas que tudo quanto existe é gerado por Nwyre, logo, tudo é constituído por matéria e forma, com exceção da Unidade Singular e da Vontade. Não obstante, harmonizadas, a Matéria e a Forma subsistem enquanto potência na Unidade Singular, sendo que a sua união e a sua manifestação em ato ocorre por ação da Vontade em Nwyre, Unidade Primeva que é, ao mesmo tempo e à vez, Intelecto Ordenador, enquanto princípio de Matéria e Forma, e Inteligência Ativa Primordial, matéria e forma dinâmica que gera os múltiplos. Percebemos agora porque podemos entender o *Incriado como o Tudo-Fonte- de-Tudo e Nwyre como a origem da Criação*, sendo que o primeiro ato de Criação ocorre por via da relação dinâmica entre Forma e Matéria, geradora de Vida.

Através deste modelo, a Tradição Primordial, demonstra-nos a razão da dissemelhança entre a Criação e o Incriado, pois este é infinito, ilimitado e absolutamente Todo, uma vez que, enquanto Nada, não admite em si qualquer diversidade (nada se lhe pode acrescentar nem diminuir, pois não há excesso nem carência, o que torna o Todo em Nada e o Nada em Todo: é Todo porque não precisa de nada e Nada porque é possibilidade de Tudo); enquanto o Tudo que é criado, por via de Nwyre, é finito, delimitado e contém em si a diversidade, por ser composto pelos dois princípios que constituem a Passibilidade, resultantes da Vontade que, para vir a ser, ganha Princípios de Matéria e Forma e estes, por ativação elementar de Nwyre, ganham motricidade e geram Vida. Se bem que o hilemorfismo é comum a muitas teorias, na Tradição Primordial os conceitos de Matéria e Forma adquirem aqui um sentido diferente. A Forma e a Matéria assumem dupla aceção, enquanto Forma e Matéria “residentes” em Nwyre, no seu aspeto de Intelecto Ordenador, a sua natureza é permanente e imutável: a Forma Universal das formas passíveis e a Matéria Universal das Matérias passíveis, pois o Intelecto Ordenador é Forma e Matéria Universal, o que as liberta da afetação pela necessidade e fatalidade, como acontece com os compostos matéria-forma. Isto dá-nos uma distinção clara entre a existência e a essência das coisas, pelo argumento de que a Forma e a Matéria não podem interagir sozinhas e, por si só, gerar o movimento, nem conceber a própria existência; tal é feito e mediado por Nwyre. A Matéria, como integrante do Intelecto Ordenador, é uma matéria etérea, o que evita o dualismo entre o espírito como algo completamente transcendente e a ma-

téria como mera combinação substancial da matéria e forma. A existência tem origem numa causa que necessariamente coloca em relação a essência e a existência. Somente por essa via a causa das coisas que existem pode coexistir com os efeitos.

Como tal, a Tradição Primordial é uma Filosofia Espiritualista Panenteísta Animista, segundo a qual o Incriado não Cria, mas tudo quanto é gerado (ou criado), por via de Nwyre, está contido Nele: O Todo Possível contém o Tudo Passível. Razão perfeitamente lógica, pois tudo o que foi dito correu para sublinhar que o Ato de Criação é algo Passível que o Incriado possibilitou por emanção do seu Possível. O Incriado, como Todo, comporta em Si a Possibilidade de Tudo poder vir a Ser, Nwyre gera Tudo o que é Passível de Ser. Mantendo esta relação, verifica-se que o Mundo Superior comporta em si a potência do Mundo Trinário de Nwyre e que cada uma destas dimensões são dimensões passíveis do possível, dimensões - ou mundos, se assim for mais fácil de entender - que se constituiriam em ato por meio da emanção do Possível uterinado por Nwyre como Passível, pelo que se poderia seguramente afirmar que O Incriado é o Todo, mas, por via da sua dissemelhança, não está em Tudo, mas este está em *OIW*, O Incriado, o Todo.

A Tradição Primordial entende que tudo tem uma razão, uma finalidade de existência, sendo a causa final o retorno, não apenas da alma humana, mas de todas as coisas. No que concerne à alma humana, este retorno poderá ser conseguido por via da sagesa, entendida aqui como o reconhecimento de si e de tudo quanto existe em relação a Tudo quanto existe e às suas razões, alcançando a Felicidade pelo alcance da Verdade Libertadora. Esta afirmação, em relação ao retorno, leva-nos a considerar a alma racional humana como uma emanção de uma Alma Universal. Da união da Matéria e Forma universais irão derivar múltiplas Substâncias simples e Substâncias compostas. Todas compartilham da mesma essência, da mesma natureza. As Substâncias simples são substâncias inteligíveis, enquanto as compostas são corporais (sensíveis). Nwyre pode ser entendida como a Substância Primeva que acionou as 4 Substâncias Simples: os Elementais. É por via desta Inteligência Ativa Universal, aspeto dinâmico de Nwyre, que nos poderemos referir a Nwyre como Espírito Universal pelo qual a Natureza se presentifica. Da Natureza irá proceder o Mundo corpóreo, sendo o conhecimento deste o primeiro nível de conhecimento que o homem deve adquirir. Assim, todo o conhecimento deve começar pelo conhecimento sobre a Matéria e Forma existentes nas substâncias sensíveis, pois estas são

semelhantes em essência às substâncias compostas. A Alma, em primeiro lugar, deverá atingir um conhecimento de si mesma, que, por conseguinte, a leva a ter um conhecimento daquilo que a precede e do qual foi emanada. A transcendência que o Incracionismo afirma, nesta forma de emanatismo, pode ser conciliada com a possibilidade de uma imanência da própria criação, decorrente da noção de *semelhança*, noção esta que não tem a ver com a ideia de *tal qual*, mas com uma analogia mais complexa: que entre o Incriado e o mundo há uma *Substância Primeva intermediária*, essa sim ‘*semelhante*’ por passibilidade ao Incriado, Emanador do Possível.

Em concordância com a Tradição Primordial, os Sacerdotes Filósofos afirmam a inacessibilidade, a transcendência e a incognoscibilidade do Incriado, pelo que jamais o Homem terá o conhecimento completo sobre Ele: pois é impossível conhecer o Todo-Possível, isto é, a essência da essência primeira. O possível é conhecê-la unicamente pelo passível, após realizado. Não sendo possível conhecer a Essência da Essência Primeira, é possível atingir o conhecimento acerca da Sua existência, buscando conhecimento sobre a Sua criação. A incognoscibilidade e transcendência divinas devem-se ao fato de o Incriado não ter a mesma natureza da criação, não ter a mesma essência, pois enquanto Nada é Totalmente distinto daquilo que é, isto é, ontologicamente diferente dos compostos e dos simples.

Na Tradição Primordial, o retorno como noção escatológica está dependente do grau de sagesa que o ser humano conseguirá alcançar; considera que todos nascemos com tal aptidão, podendo ou não desenvolvê-la, pois o ser humano é uma síntese dinâmica resultante da relação entre potência e ato e só através da passagem da primeira para o segundo seria possível um aperfeiçoamento e desenvolvimento, através do qual poderia alcançar a perfeição passível. Poderemos assim atestar que a ascensão ocorrerá aquando se alcançar a perfeição passível inscrita em cada ser humano, por via da aquisição da Sagesa. Tal permitirá, após alcançar a Felicidade por via da Verdade Libertadora (Sagesa), a união da alma humana à Inteligência Universal, lugar na Vida do Mundo da Luz Branca, Gwynfyd.

A Tradição Primordial confirma, assim, outra Vida após a morte, configurando esta última como uma passagem que nos poderá levar a Gwynfyd. Neste sentido, livre da condição radical matéria-forma, o ser humano purificado, isto é, aquele adquiriu compatibilidade (justiça?) por via do Amor com a Unidade Primeva, ascenderá, sendo a partir deste ponto que contemplará o Incriado, ‘sentado’ que estará no Trono da sua Liberdade, visto que não poderá ascender até Ele. A morada das almas que alcançaram a

pureza, isto é, a perfeição na realização da sua unidade absoluta, é o Mundo da Luz Branca. A alma retorna à Origem da Vida, àquilo que lhe é semelhante em essência, mas não à Fonte Incriada, que lhe é dissemelhante. A Tradição Primordial é, assim, uma filosofia sustentada no autoconhecimento e no contato direto com o divino através de práticas litúrgico-meditativas, música, danças, entre outras, mediadas por um Sacerdote experiente, buscando a união com Nwyre por meio do amor e não do conhecimento puramente racional. A verdade da «Metafísica da Luz Incriada» não poderá ser inscrita e transmitida sem ser vivida e experimentada, o que implica uma abertura-doadora e contemplativa, pois só assim será possível uma união intuitiva e superlativa em Êxtase entre o ser humano e Nwyre.

Da Criatura

A Tradição Primordial, por via do seu acontecer e dizer de si, ao harmonizar o racionalismo e a mística, «Razão Alquímica da Alma», aponta também a um caminho de contornos éticos, podendo, neste sentido, ser configurada como um guia ou mesmo um manual moral assim vivido. Aí estabelecem os Filósofos Sacerdotes da Tradição o caminho através do qual, não apenas a sua Egrégora, mas também a humanidade, pode entender o mundo e, através desse entendimento, alcançar o conhecimento da Unidade Primeva e cumprir o mais elevado dos preceitos, o Amor Libertador a Nwyre.

Este amor incondicionado a Nwyre é o principal objetivo e intenção, assim como o final e realização de todas as obrigações ensinadas pela «Razão Alquímica da Alma», pela Palavra ou Tradição. Amar a Nwyre por via do amor a todos os seres, princípio defendido pelos Sacerdotes da Tradição, não será possível sem o entendimento do ser humano a respeito da Unidade Primeva e da Sua criação: uma vez que o homem é um microcosmos de Nwyre, este deve estudar a sua origem e causa passível da sua existência.

A Tradição Primordial afirma o Homem como portador de um *Dom* precioso que lhe foi inscrito por Nwyre, o qual pode ser cumprido por via da Sageza, sendo assim o propósito da vida humana alcançar a Sabedoria que lhe permitirá ascender ao Mundo da Luz Branca. A Sabedoria é, para o ser humano, como que a chama da vela da sua razão, que se quer constante, o que permite ao humano caminhar na direção e em concordância com Nwyre, o que o livra do desastre do mundano e abre o portal do mundo vindouro. Considera a Tradição três categorias para a Sabedoria: A Filosofia da Natureza (que pode ser entendida como Fenoménica ou a Física), que lida com as propriedades e acidentes da matéria; a Filosofia da Men-

suração e Arte (Matemática, Astronomia, Música e etc.) e a Filosofia da Metafísica da Luz propriamente dita, na qual se inclui a Teologia, conhecimento do Divino e das Leis Universais, e as restantes ciências e disciplinas associadas ao estudo da vida e da mente, e preocupadas com as almas humanas e entidades espirituais.

Os Filósofos Sacerdotes entendem o Ser Humano como uma emanção de Nwyre, cuja alma, que é celestial na origem, foi sumptuosamente soprada em corpo, por razão de vontade livre e dialética dos princípios Universais, adquirindo forma por meio da delimitação da matéria. Como unidade consubstanciada humana, isto é, pelo determinismo afeto, o humano corre o risco de esquecer a sua natureza e missão. O espírito humano, e o ente por participação, recebe ajuda do intelecto, da razão e das Leis Universais para poder alcançar o seu objetivo. Considera, assim, a Tradição, o humano como sendo um composto Corpo-Alma, sendo por meio da sua harmonia que deveremos 'servir' e amar Nwyre, pois é essa a razão da nossa existência: Amar ou não viver.

Ao ser um composto Corpo-Alma, o humano é devedor em ambas as dimensões ontológicas, pois jamais se poderá cumprir perfeitamente se ambas as dimensões não se encontrarem harmonicamente dispostas às suas realizações. A Razão Alquímica da Alma estabelece que, para além dos motivos racionais que nos levam a agir, não é possível alcançarmos uma maior perfeição e o Amor a Nwyre se o nosso coração, órgão onde se manifesta a alma, não estiver empenhado na sua realização.

É, então, pelo serviço a esse Amor, quer pelo pensamento quer pelos comportamentos, que praticamos os atos que, posteriormente, conduzirão à Ascensão do Mundo da Luz Branca. As intenções do humano devem coincidir com as suas ações no caminho da realização do seu Ponto de Liberdade. Neste sentido, tanto a humildade, como o auto-conhecimento e o arrependimento são essenciais.

Como enunciado inicialmente, o plano que possibilita a ascese está instaurado por meio da Vontade-Livre como Fluxo Energético Universal. Nwyre, por via da Incriada Emanação da Possibilidade em Passibilidade, orientará toda a criação de modo a que esta atinja a Ascensão. Porém, alguns autores da Tradição consideram que o humano também se encontra sujeito, em face da sua autonomia para avaliar, julgar e decidir, ou seja, o seu poder a escolher entre o bem e mal. Bem e Mal, que ao limite não existem na Tradição, são meros nominalismo que poderão ser considerados da seguinte forma: é bom o que possibilita, sempre em concordância com o Fluxo

Energético Universal, a satisfação plena do destino, isto é, no que respeita ao Homem, a realização do seu ponto de liberdade individual e coletivo; é mau o contrário do supra referido.

Neste sentido, a Tradição, por via da «Razão Alquímica», procura conciliar os princípios teológicos com o conhecimento fundado na razão. Entende que a ciência e a filosofia são auxiliares ao entendimento das Leis Universais.

As ciências naturais são o ponto inicial na busca do conhecimento divino, há que estudar a Linguagem da Tradição por via do seu dizer gramatical, lógico, físico e metafísico, há que atingir a sapiência imergindo nos princípios da Tradição. Só por esta via o ser humano poderá alcançar os braços de Nwyre pela ascensão, isto é, poderá alcançar a perfeição passível do seu possível e, por arrasto, participar no desenvolvimento máximo da capacidade intelectual humana, que por sua vez permitirá a união ao *Entendimento Ativo*, que poderemos entender como Espírito Universal.

O ponto fundamental da Escatologia da Tradição Primordial é o Mundo da Luz Branca. O Mundo da Luz Branca é tido como o lugar para onde as almas nobres dos justos viverão após a passagem, fruindo o regresso à sua raiz primeva, habitando no Intelecto Universal como Inteligências Incorporéas, enquanto individuais, ou Entendimentos Incorporéos, enquanto coletivos, este último caso por via da ascensão do Espírito de uma Unidade de Sentido Coletiva, resultante da diluição das Inteligências Constituintes, por livre escolha, nessa Unidade, como se acredita que aconteceu com os Atlantes, no que se intui, mais do que se supõe, a possibilidade de uma imortalidade coletiva: a imortalidade por via da comunhão.

A «Razão Alquímica da Alma» é assim um processo que permite a transmutação ontológica do ser em ato, possibilidade que todos comportam em si, podendo desta forma alcançar a perfeição passível e a libertação do mundo da fatalidade.

Para melhor compreendermos as asseverações aqui apresentadas, teremos de explanar sucintamente a Metafísica da Luz Incrriada, a qual recupera o modelo já referido anteriormente. A Filosofia da «Metafísica da Luz Incrriada» identifica Inteligências Cósmicas ou Deidades, arquétipos energéticos de manifestação de Nwyre, e dimensões (superiores e inferiores). À dimensão superior a Filosofia da Tradição designou de «Suprema Passível» e às inferiores «Corredores de Passibilidade», regidos por Deidades ou entidades análogas, isto é, 'equações' energéticas que neles habitam e acerca do seu âmbito deliberam. Na dimensão superior manifesta-se o

«Entendimento Universal», que organiza o mundo da metamorfose, isto é, que possibilita a passagem da potência ao ato, através do qual é criado o entendimento humano: e o nosso entendimento individual, que nasce do «Entendimento Universal» e nos capacita para compreendê-lo, é análogo ao de cada um dos diferentes «Corredores de Passibilidade», pois que nasce na Inteligência correspondente ao dito «Corredor» e nos capacita para compreender aquela Inteligência.

O Cosmos foi criado por emanação ou influxo do Incriado, mas todas as mudanças resultam da dinâmica de Nwyre. Em consonância com o anteriormente referido a criação acontece por via da Arqui-Passibilidade, e uma vez que a sua atividade também é tempo, por razão de Fluxo, levanta-se a questão da eternidade do Mundo. Desde modo, e uma vez que o tempo é acionado pelo Intelecto Universal e que, por via da Inteligência Vital, se torna dinâmico, poderíamos entender que o tempo seria coisa criada e, como tal e pela mesma ordem de razão, que o nosso Mundo não seria eterno. São âmbitos distintos, uma vez que a «criação» de tempo estabelece-se na dimensão «Suprema Passível», o que quer dizer que o tempo é eterno na Passibilidade, isto é, dura todo o tempo que o Tudo dura, melhor, uterina o Tudo, pois são concomitantes na Passibilidade; por outro lado, o Mundo estabelece-se num «Corredor de Passibilidade», resultando que dura o tempo que esse «Corredor», que pode ser descontinuado, dura.

Além disso, a Tradição Primordial sustenta que o Cosmos procede de uma Passível Vontade de Ser, bem como todas as suas mudanças, e não de mera necessidade. Neste âmbito, poderemos afirmar que tudo quanto tenha sido criado e seja detentor de corporeidade se encontra sujeito à fatalidade. Sendo que é também nesta relação, corporeidade - fatalidade, que se esgrime uma existência concordante ou discordante com o Fluxo Energético Universal, não advindo «Mal» do Incriado, pois Este apenas emanou Possibilidade e Nwyre gerou existência por via do Passível, e toda a existência passível é necessariamente boa (concordante), mas a sua realização pode ser ou não.

O mal (discordância com o Fluxo) e a morte (passagem) são circunstâncias da existência corpórea, e apesar de as conotarmos negativamente elas são fundamentais para que o Universo permaneça em Fluxo e que a ordem das coisas seja continuada, mantendo-se inalteradas as suas propriedades genésicas. A morte possibilita uma sucessão de eventos, uma evolução. Tendo como noção escatológica o Mundo da Luz Branca, já enunciado anteriormente, somente as almas daqueles que alcançaram a perfeição do